

Depoentes do Tenentismo¹

Ibarê Dantas²

Testimonials of the lieutenents' movement

Resumo

Essa palestra, proferida aos 90 anos da Revolta de 1924, na Biblioteca Pública Epifânio Dória, em 19.07.2014, apresenta uma breve síntese do movimento tenentista em Sergipe e fornece algumas informações sobre os principais depoentes ouvidos pelo autor no início da década de 1970.

Palavras-chave: movimento tenentista; depoimentos; palestra.

Abstract

By the 90th anniversary of the Revolt of 1924, the autor presented this lecture with a brief synthesis of the lieutenents' movement in Sergipe. Besides, he provides some information about the main testimonials collected during his research in the earlies 1970's. The lecture occurred at the Epifânio Dória Public Library, in Aracaju (SE), on July 19, 2014.

Keywords: lieutenents' movement; testimonials; lecture.



1 Palestra proferida aos 90 anos da Revolta de 1924 na Biblioteca Pública Epifânio Dória em 19.07.2014.

2 Doutor Honoris Causa pela UFS, exerceu a presidência do IHGSE no período de 19.12.2003 a 19.01.2010, é autor de obras sobre a História de Sergipe. E-mail: ibaredantas@gmail.com.

Introdução

As insatisfações de setores do Exército, em relação aos governos da Primeira República, prosperaram durante a campanha sucessória na qual Artur Bernardes saiu vitorioso. Jovens oficiais, entre os quais se destacavam os tenentes, rebelaram-se em 1922 e voltaram a se revoltar em 1924, formando um movimento que se reproduziu em alguns Estados.

Em Sergipe, na madrugada de 13 de julho de 1924, quatro oficiais, que serviam no Quartel do 28º Batalhão de Caçadores (BC), dividiram o Batalhão em três companhias. Uma ficou na sede da unidade, sob o comando do capitão Eurípedes Esteves de Lima. A segunda, sob o comando do tenente João Soarino de Melo, atacou o Palácio, matou um anspeçada, feriu dois soldados e passou a controlar a sede do Poder Executivo. A terceira, comandada por Augusto Maynard Gomes, investiu contra o Quartel da Polícia, abateu uma sentinela e submeteu todo o contingente policial ao seu comando. Preso o presidente do Estado e controlada a Polícia, os tenentes constituíram uma Junta Governativa, formada pelos oficiais citados e mais o segundo-tenente Manoel Messias de Mendonça.

Os revoltosos lançaram proclamação ao povo sergipano, comunicaram a instalação do novo governo às autoridades do interior e receberam até manifestações efusivas de alguns municípios. Decorrido algum tempo, as reações começaram a manifestar-se. O coronel Francisco Porfírio de Brito e seu filho, Hercílio Brito, então intendente de Propriá, articulados com forças da legalidade, organizaram um Batalhão denominado de “Patriótico”, formado inclusive de homicidas, alguns dos quais procurados pelas polícias de Alagoas e de Sergipe.

Ao final, tropas do 20º BC, 21º BC, 22º BC, comandadas pelo general Marçal de Faria da 6ª Região Militar (BA), vieram a Sergipe e o movimento desfez-se sem enfrentamentos sangrentos. Centenas de pessoas foram presas, mas Maynard fugiu. Sua liderança, que se projetara durante a Revolta, era idolatrada na ausência e cantada em prosa e verso. Descoberto em São Paulo e recambiado para Sergipe, mesmo preso passou a tramar nova revolta.

Os levantes do Amazonas e do Mato Grosso também tiveram pequena duração, mas o grupo de São Paulo deixou a capital e marchou em direção ao Rio Grande do Sul até encontrar-se com tropas provenientes deste Estado. Nasceu assim a Coluna Prestes, que percorreu milhares de quilômetros resistindo ao cerco das forças governistas de 1925 a 1927 até quando seus sobreviventes se internaram na Bolívia.

Quando essa Coluna, em 1926, passava pelo interior da Bahia, Maynard, gozando de simpatias dentro e fora do Quartel do 28º BC, com a conviência de militares e civis, conseguiu sair da prisão e liderar grande contingente para uma nova aventura de enfrentamento. Após longo tiroteio nas ruas de Aracaju, o líder foi ferido no pé e o levante fracassou,



deixando o saldo de onze mortos e cerca de duas dezenas de feridos. Em consequência da nova rebelião, um mês depois cerca de 100 envolvidos, inclusive suas lideranças, foram conduzidos para a Ilha da Trindade, onde viveram em condições difíceis até início de dezembro de 1926, quando foram levados para o Rio de Janeiro. Daí os praças foram enviados para Sergipe, enquanto Maynard permanecia num quartel da capital federal, em prisão bastante relaxada, podendo passear, receber amigos e articular-se.

Depois, lá pelos idos de 1929, as lideranças foram a julgamento, em eventos muito concorridos. Não obstante a evidência das transgressões, o apoio popular concorreu decisivamente para que os acusados recebessem penas baixas, quase simbólicas. Mesmo porque, especialmente em Sergipe, o quadro era outro. Os líderes eram figuras reverenciadas, e vários participantes das revoltas já integravam direta ou indiretamente o governo Manoel Dantas (1927-1930) ocupando cargos.

Quando surgiu a nova campanha presidencial e formou-se a *Aliança Liberal*, aglutinando civis e militares que se opunham à ordem vigente, criou-se uma situação embaraçosa para aqueles ex-revoltosos que já eram governistas e torciam por transformações na política nacional. Afinal, o governo local se encontrava bem afinado com a orientação situacionista sob a chefia do presidente Washington Luiz que continuava forte. Tanto assim que Vargas fora derrotado por Júlio Prestes, candidato oficial, e a situação parecia prosseguir como antes.

Contudo, os descontentamentos represados manifestaram-se com toda a força quando João Pessoa, o candidato a vice-presidente na chapa perdedora, foi assassinado em Recife. Os ânimos se exaltaram e desencadearam o movimento armado de outubro de 1930 que tenderia a mudar a política nacional e local.

O tenentismo que se desenvolvera como movimento contestatório, subvertendo a hierarquia do Exército e criando crise institucional, transformou-se então em força dominante legalizada. Era uma nova fase que se iniciava com os tenentes empossados como governantes em vários estados.

Ao estudar o tema para a construção do livro *O Tenentismo em Sergipe*³, desenvolvi a pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e, sobretudo, na Biblioteca Pública de Sergipe, quando tinha sede na Praça Fausto Cardoso. Enquanto isso, tentava ampliar a compreensão, ouvindo algumas pessoas que foram contemporâneas dos fatos e/ou participaram da Revolta de 1924 e/ou da de 1926. Considero-me um privilegiado em encontrá-las vivas e lúcidas. Depois, todos se foram, mas ficaram seus depoimentos registrados em meu texto e o reconhecimento pelas contribuições que prestaram ao esclarecimento dos fatos.

3 DANTAS, José Ibarê Costa. *O Tenentismo em Sergipe (Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930)*. Petrópolis/RJ, Editora Vozes, 1974.



Quando o texto foi publicado, algumas figuras eram bem conhecidas. Mas, quarenta anos depois, quase todas estão no caminho do esquecimento, suscitando indagações sobre suas identidades. Lembrá-las, nessa oportunidade, é também uma forma homenageá-las.

João Sales de Campos (entrevistado em 1972 e 1973)

Tinha raízes em Santo Amaro das Brotas. Foi durante muito tempo administrador da mesa de renda em Estância, fiscal de renda do Estado e fundador do Instituto de Previdência do Estado de Sergipe-IPES.⁴ Homem lúcido, fala pausada, boa memória, participou de várias fases do movimento tenentista. Conviveu com o comandante do 28º BC Bernardo de Araújo Padilha, oficial crítico do presidente Artur Bernardes.

Presenciou Maynard, Eurípedes e Soarino invadirem o *Diário da Manhã* de Apulcro Mota, em face da nota publicada pelo jornal por ocasião da morte do marechal Hermes da Fonseca. Integrou o contingente de Sergipe que interveio na Bahia para depor J. J. Seabra em fins de 1923. Na ocasião, teria sido portador de duas cartas para o referido governador da Bahia, quando Maynard mostrava disposição de evitar a sua deposição. Depois de envolver-se nas revoltas de 1924 e 1926 em Sergipe, em 28.10.1930, já reintegrado no Exército, teria combatido uma iniciativa contrarrevolucionária no Rio de Janeiro e reagiu ao ataque que resultou em mortes.

Incorporou-se ao grupo de Leandro Maynard Maciel. Foi um dos signatários da criação do Partido Social Democrático de Sergipe em março de 1934. Foi vereador da Câmara Municipal de Aracaju de 1955 a 1958. Nos anos cinquenta, dirigiu por algum tempo o jornal *Sergipe Progressista*. Publicou *Dados Históricos sobre Santo Amaro das Brotas*.⁵ Hoje é lembrado como nome de condomínio, mas raros são os registros sobre sua trajetória, sobretudo depois da morte de seu filho Bemvindo de Sales Campos em 2010.

João Soarino de Melo (entrevistado em 1972)

João Soarino de Melo desde cedo revelou-se um homem inquieto e instável. Nascido em 25.10.1898, filho de um telegrafista,⁶ segundo rebento de uma prole de nove, passou a infância em Estância. Estudou no Carneiro Ribeiro na Bahia e no Salesiano em Pernambuco. Iniciou o curso de engenharia na Bahia, mas problemas econômicos levaram-no para a Escola

4 Cf. CAMPOS, Bemvindo Sales de (23.09.1928-13.05.2010). Entrevista a Osmário Santos in *Jornal da Cidade*, 01.08.1993.

5 CAMPOS, João Sales de. *Dados Históricos sobre Santo Amaro das Brotas*. Aracaju. João XXIII, 1972.

6 José Soarino de Melo era filho de Antonio Odilon da Costa Melo e Maria Soares de Melo.



do Realengo no Rio de Janeiro em 1917, iniciando sua carreira militar. Em 26.1.1923 chegou a primeiro-tenente.⁷ Participou do grupo de oficiais insatisfeitos, que sofreram influência de Bernardo de Araujo Padilha.

Durante a revolta de 1924, desempenhou importantes missões como participante da Junta Governativa. No entanto, quando as tropas do general Marçal se aproximavam no sentido de debelar a rebelião, e o grupo da região sul do Estado, composto pela primeira e terceira companhias, tentavam a reação, Soarino passou avisando que tudo estava perdido, contribuindo para a desativação das operações e para a dispersão da tropa.⁸

Após a revolta de 1926, foi conduzido, ao lado dos companheiros, para a Ilha de Trindade, onde passou cerca de dez meses. Com a ascensão de Washington Luís à presidência da República, em 15.11.1926, os prisioneiros foram conduzidos para a ilha das Cobras, de onde Soarino fugiu. Recapturado, foi levado para a Fortaleza de Santa Cruz, onde permaneceu até ser solto.

Na época da pesquisa, início dos anos setenta, era o único sobrevivente da Junta Governativa de 1924. Fui a São Paulo ouvi-lo em 1972. Desconfiando, resistiu um pouco à gravação e não acrescentou muita coisa, além dos fatos conhecidos.

João Teles de Menezes (entrevistado em 1971)

Nascido em Laranjeiras em 24.07.1903, João Teles de Menezes era um homem lúcido e dotado de memória privilegiada. Participou de vários episódios memoráveis. Integrou o pelotão que foi para a Bahia depor J. J. Seabra em fins de 1923 e teve participação ativa nas revoltas de 1924 e 1926.

Segundo informou-me, em 1924, funcionaram como locais de prisão: a penitenciária velha, localizada na Praça General Valadão, a chefatura de polícia, então situada na Praça Fausto Cardoso e o porão do novo Quartel de Polícia na Rua Itabaianinha. Depois das prisões e dos processos, foi desligado do Exército, vinculou-se ao grupo de Leandro Maciel e retornou ao Exército com a Revolução de 1930.

Esteve como prefeito de Propriá por dez meses. Converteu-se ao marxismo e tornou-se um oficial ligado ao Partido Comunista. Em face de suas atividades políticas e de haver cedido seu sítio para reunião dos camaradas, sofreu novas prisões e respondeu a outros processos.

Em 1952, ao lado de 36 militares, foi preso e levado para Bahia, onde teria passado 52 dias incomunicável nas furnas de Barbalho. Processado, foi conduzido para o Rio, onde viveu mais de um ano detido no Quartel do Regimento da Cavalaria na Av. Pedro II. Dos 36 apenados, a maioria

7 Cf. *Almanaque do Exército*, 1937, p. 82.

8 Cf. MENEZES, João Teles de. *Depoimento ao autor*, em 19.10.1971.

passou mais de um ano presa. Anistiado, retornou a Aracaju, mas vez por outra o coronel Lopes Bragança, quando no comando do 28º BC o convocava para comparecer ao quartel. Após 1964, voltou a ser detido. Em todos os momentos, a tudo enfrentou com altivez, coragem e dignidade. Faleceu em 25.02.1981, aos 77 anos.

Jorge de Oliveira Neto (entrevistado em 1971)

Nascido em Aracaju em 18.01.1914, era menino em 1924. Estudou no Atheneu, formou-se em engenharia em Salvador e destacou-se no cenário sergipano como um homem inquieto, criativo, participativo e realizador. Dotado de prosa fecunda e transbordante, acumulou experiências no magistério na Bahia e em Sergipe, no serviço público, na política e nas letras. Foi professor na Escola de Engenharia Eletromecânica, na Faculdade de Ciências Econômicas, na Escola Normal e no Instituto Coelho Campos. No serviço público atuou na Inspetoria de Obras contra Secas e no Serviços de Água e Esgoto. Na política, incorporou-se à Esquerda Democrática, pregou o socialismo com liberdade, elegeu-se vereador, mas, caso raro, renunciou antes da posse. Como profissional de engenharia, percorreu muitos caminhos, abriu estradas e manifestou-se um executivo operoso quando diretor do Departamento de Obras Públicas, impregnado de entusiasmo.

Muito preocupado com as dificuldades do homem do campo, especialmente dentro das estiagens prolongadas, pesquisou sobre o tema, escreveu e divulgou sua contribuição com o título: *Sergipe e o problema da Sêca (1955)*. Amante das letras, atuou como jornalista, escreveu artigos e crônicas e publicou o romance *Deus é Verde (1967)*. Era, sobretudo, um humanista generoso e sensível, angustiado com as discrepâncias humanas e um idealista cheio de projetos e motivações. Da revolta de 1924, guardou o entusiasmo juvenil, sintetizado na frase: “fomos livres 21 dias, separados do mundo.” Faleceu em 14.06.1980.

Jorge de Oliveira Neto foi homenageado por professores da Universidade Federal de Sergipe (UFS) que escreveram no Caderno de Estudante de 1985 sobre algumas faces de sua personalidade. Depois, uma avenida no Bairro Coroa do Meio recebeu o seu nome.⁹

9 Sobre Jorge de Oliveira Neto, ver ARAÚJO, Acrísio Torres. *Literatura Sergipana*, Brasília, 1976, 2. ed.; NUNES, Maria Thetis. Jorge Neto, o humanista; SILVA, José Paulino da. Jorge Neto, o educador; GARCIA FILHO, Antonio. Jorge Neto, político; FONTES, Carmelita. Deus é verde Jorge; CAMPOS, José Aloísio de. O amigo Jorge Neto. *Caderno do Estudante*, Universidade Federal de Sergipe, 1985, p. 29-38.



José Correia dos Santos (entrevistado em 1971 e 1972)

Natural de Lagarto, não participou da Revolta de 1924 e integrava a guarda do Quartel do 28º BC em 1926. Ao oferecer resistência à rebelião, quando ia sendo assassinado, Maynard viu e gritou: “não!”. O rebelado obedeceu, recuou, e vida de José Correia foi poupada. Nos anos quarenta, filiou-se ao Partido Social Democrático (PSD) e, apoiado pelo chefe político Acrísio Garcez, foi o mais votado deputado de sua legenda, com 2.383 votos. Figura inquieta, na tribuna da Assembleia revelava-se atuante e, por vezes, birrenta até com correligionários. Em 1954, voltou a candidatar-se e ficou na quarta suplência. Colaborou na imprensa com artigos periódicos no *Diário de Aracaju*, quase sempre num tom polêmico. Em decorrência de suas lides ousadas, teve sua casa apedrejada. Por esse tempo, era Inspetor Regional da São Paulo Companhia de Seguros.¹⁰ Quando o entrevistei, forneceu-me documentos preciosos que foram utilizados no livro.

111


José Vieira de Matos (entrevistado em 1971)

José Vieira de Matos cedo revelou-se um homem disposto. Nascido em 1896, em Aquidabã-SE, quando frequentava a escola primária na sua cidade natal, abandonou a casa dos pais¹¹ ao migrar para Aracaju. Após sobreviver com alguns empregos, aos 14 anos assentou praça na 6ª Companhia Isolada de Metralhadoras. Transferido para o Rio de Janeiro, estudou português e música. Em 1921 esteve no 19º BC, em Salvador e, em 1922, retornou a Aracaju para o 28º BC, onde foi promovido a segundo-sargento. Na revolta de 1924, comandou pelotão de 83 homens no setor norte. Deslocou-se de Rosário até próximo de Carmo, atual Carmópolis, fazendo recuar as forças legais do contingente dos jagunços de Francisco Porfirio. Disparou um tiro de canhão num matagal e passou um telegrama para a Junta Governativa nos seguintes termos: “Acabo bombardear Carmo. Sigo Japaratuba.”

Preso após o fracasso das forças do sul do Estado, foi excluído do Exército por incapacidade moral. Em 1930, apresentou-se ao Comando das Forças Revolucionárias do Norte, tendo sido comissionado como segundo-tenente. Em 1937, passou para a reserva da primeira classe. Exerceu o cargo de delegado da 4ª zona da 19ª CR e, em 1953, foi reformado.

Em 1971, ao ser entrevistado, demonstrava muito orgulho em haver participado do movimento. Era uma indicação dos sentimentos de euforia, de exaltação e triunfalismo que continuava a manifestar.

10 Cf. *Diário de Sergipe*, 09.10.1951.

11 José Vieira de Matos era filho de Antonio José de Matos e Maria Madalena de Jesus.

Lígia Maynard Garcez (entrevistada em 1971)

Era filha do segundo consórcio de Maynard. No primeiro, seu pai casou-se com Guiomar Leal, que faleceu de tifo, assim como sua filha Ruth com sete anos. Na segunda união, Anita Vieira deu-lhe quatro filhos: Wellington, Lígia, Jefferson e Lúcia.

Quando Maynard estava preso por liderar a Revolta de 1924, a jovem esposa com apenas 26 anos faleceu em decorrência da infecção de uma espinha no rosto. O esposo recebeu licença especial para participar escoltado do velório. Pôde ver a esposa morta e abraçar as crianças desoladas, quando a mais velha estava com cinco anos. Órfãos de mãe e com pai ausente, os meninos ficaram aos cuidados da irmã da mãe, a tia casada com Abílio Dantas, e a avó, laiá das Caldas, que residia na fazenda localizada no município de Rosário do Catete.¹²

Lígia casou-se com José Garcez Vieira em 1937. O esposo nasceu em 03.06.1904 no engenho Camaçari e viveu a infância em Riachuelo. A partir de 1925, dedicou-se ao comércio. Incorporou-se ao grupo político de Maynard e, nos anos quarenta, foi indicado prefeito de Aracaju.

A filha Lígia Maynard resistiu a conceder-me entrevista, mas forneceu boas informações sobre as adversidades vividas pela família. Os dramas, quando criança, provocados pela morte precoce da mãe e a ausência do pai, vivendo em prisões: em Aracaju, na Ilha da Trindade e na Ilha das Cobras.

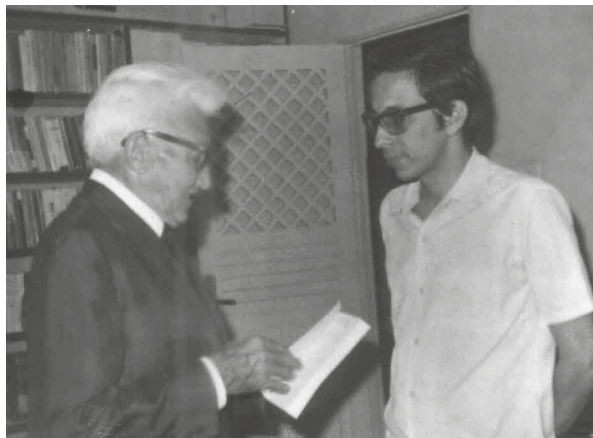
Sálvio Oliveira (entrevistado em 1972 e 1973)

Foi o entrevistado que revelou informações mais copiosas e esclarecedoras. Natural de Cícero Dantas (BA), transferiu-se para a Aracaju em 1911 e não se envolveu na revolta de 1924. Sua adesão ao movimento ocorreu de forma paulatina. Sendo eleitor de Nilo Peçanha, que liderou a campanha da Reação Republicana no país, simpatizava com a causa oposicionista. Com a revolta de 1924 e a queda do domínio dos tenentes, encontrou afinidades com os revoltosos. Casualmente, acenou para Maynard que correspondeu, resultando em aproximação e os primeiros contatos quando ainda estava na prisão, tornando-se elemento de confiança e dos adeptos mais considerados. Após a Revolta de 1926, quando os insurgentes foram deportados de Sergipe para a Ilha da Trindade, depois para o Rio de Janeiro, Sálvio manteve correspondência com o líder revoltoso, formando uma documentação expressiva dos problemas e das concepções da época.



12 Cf. GARCEZ, Lygia Maynard. *Pronunciamento na Biblioteca Pública Epifânio Dória*, em 19.07.1914.

Foto 1. Sálvio Oliveira, diante de Ibarê Dantas, na residência do autor à Rua Maruim, Aracaju-SE. Abril de 1975



Homem sensato, íntegro, Sálvio Oliveira depois seria subdiretor do Tesouro do Estado nos idos de 1941, quando elaborou Relatório sobre os procedimentos contábeis do interventor Eronides Ferreira de Carvalho e entregou ao presidente da comissão que veio avaliar a gestão do referido governante. A partir de agosto de 1941 a 1945 exerceu o cargo de diretor do Tesouro do Estado e continuou servindo em anos subseqüentes até fins dos anos cinquenta, quando saiu reconhecido pela sua postura de homem probo. Aposentado, ocupou-se de atividades comerciais. Vinculado à maçonaria, dedicou-se de corpo e alma à manutenção do Asilo Rio Branco. Entre os depoentes, era o mais dotado de senso crítico e avaliação mais serena do movimento. Depois das primeiras entrevistas formais, procurei-o várias vezes para precisar dados. Tivemos conversas longas e aparentemente desinteressadas quando eu buscava entender e captar o clima da época, as visões de mundo e o espírito do movimento. Terminamos amigos até quando se foi, em 02.09.1986, deixando saudades. Hoje é nome de travessa no Bairro Suíça. Por ocasião de sua morte, seu sobrinho Luiz Eduardo Costa lembrou a grandeza de sua personalidade.

Ele era manso e era bom, e a sua mansidão não era fraqueza, nem a sua bondade era disfarce. Ele foi um homem superior na humildade com que se portava e no imenso orgulho que tinha de sua pobreza honrada, da modéstia de sua vida onde a rotina não abafou o sonho, o amor, a participação, e a luta, que conviveram com a dedicação ao trabalho, o altruísmo, e, finalmente, aquela sabedoria tranquila que os cabelos brancos emolduravam na face que era altivez severa e terna compreensão.¹³

Tibúrcio Moura (entrevistado em 1970)

Foi a primeira pessoa que entrevistei, em 1970, quando ainda estudante. Era o mais antigo dos depoentes. Nascido em 14.04.1896,¹⁴ fora estafeta do primeiro Banco de Sergipe por volta de 1902 e, em 23.06.1919, ingressou no Banco do Brasil no cargo de porteiro. Após 32 anos de serviços, aposentou-se em 1952 “como conferente de seção, penúltimo posto da carreira que abraçou”.¹⁵

Quando ouvi o entrevistado, era funcionário aposentado que periodicamente frequentava o Banco do Brasil. Continuava lúcido e guardava na memória muitas informações das sete décadas do século XX. Como historiador iniciante, ao conversar com ele, senti prazer de escutar preciosas revelações de fatos desconhecidos. Era como se a memória fosse iluminando o passado, servindo de fundamentos para a História.

114



Conclusões

Quase todos, em variadas proporções, tinham em comum o sentimento de orgulho em haver participado do movimento,

Pode-se relativizar a importância das entrevistas, alegando que todas as recordações são uma reconstrução do passado,¹⁶ ou que são seletivas ou estão sujeitas a distorções que dão margem a lembranças equivocadas. Tudo isso deve ser levado em consideração, mas não são argumentos suficientes para desqualificá-las.

Antes pelo contrário, os depoimentos além de muito contribuírem a esclarecer fatos que a documentação escrita não alcançava, considere de grande importância escutar a narrativa de suas experiências e perceber a diversidade de opiniões que me proporcionaram a oportunidade de captar suas visões de mundo e as motivações pela revolta.

Era comum também a reverência a Maynard, que não cheguei a conhecê-lo. O historiador Calasans, que acompanhou suas administrações como interventor, traçou um perfil do gestor, do qual transcrevo parcialmente como uma amostra dessa visão.

Há pessoas de rosto fechado e coração aberto. Mainar é assim. Este homem de feições severas, de voz forte e ameaçadora, que foi, depois de Fausto Cardoso, na opinião autorizada de Artur Fortes, a figura mais popular de Sergipe na República, é a melhor das provas de que nem sempre o rosto é o espelho da alma. Ele é, apenas, tempestade que a ameaça e não desaba. Atua mais como um trovão que como um raio. Tem coração e coragem, boa fé e vaidade. Acredita sempre

14 Tibúrcio Moura era filho de Justiniano Moura e Flora Nogueira. Cf. José Augusto Garcez, *Diário de Sergipe*, 06.03.1952.

15 Cf. GARCEZ, José Augusto, *Diário de Sergipe*, 06.03.1952.

16 HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*, Paris, PUF, 1968, p. 58.

e sempre. Não confia nas promessas – crê nelas como se já fossem realidades. [...]

Ama o elogio. É um enamorado do engrossamento. Recompenha prodigamente os áulicos; [...]

Julgavam-no violento e ele foi, salvo raríssimas exceções, um contemporizador. Acreditavam-no estadista e ele foi um político de pouca sorte. [...]

Sergipe lhe quis imensamente. Fê-lo ídolo até, em determinadas épocas. Não pediu para entrar na História. Entrou violentamente. Em três oportunidades o Brasil falou dele. Na primeira como herói, na segunda como interventor tolerante, na terceira como vencido que não quer se conformar com a derrota. [...]

De 1924 a 1930 foi a grande esperança. Mas a política matou a esperança. Ele tinha vontade. Faltava sabedoria. [...]

Era demasiadamente fraco para resistir ao bombardeio dos adulares. Cedeu. E perdeu a partida. [...].¹⁷

Maynard, que durante a revolução de 1930 atuou em Minas Gerais, ao retornar ao seu Estado, foi indicado interventor e governou em dois momentos (1930-1935 e 1942-1945), que foram analisados em meu livro *A Revolução de 1930 em Sergipe*.

Com a redemocratização do país, foi um dos fundadores do PSD, posteriormente ingressou no PSP e faleceu em 12.08.1957 como senador.

O certo é que, em sua longa trajetória política de aluno rebelde, conspirador, revoltoso ou revolucionário como se dizia, interventor durante a primeira fase da Revolução de 1930 e no curso do Estado novo, senador no Estado democrático de direito, Maynard foi alvo de vários juízos dos cidadãos e da imprensa.

Contudo, cabe ao historiador analisar sua trajetória, os métodos que utilizou e as realizações do personagem. Enfim, sua contribuição ao processo de democratização da sociedade.

Pela variedade de suas ações e pelos seus feitos, seu perfil tenderá a permanecer será passível de controvérsias.

Hoje, observamos que as preocupações contemporâneas distanciaram-se do tenentismo. Embora alguns dos tenentes que se rebelaram nos anos vinte participassem do movimento de 1964 como generais, a partir de 1985 o Exército paulatinamente passou a restringir-se a suas funções constitucionais. Um sintoma da consolidação dessa tendência foi a criação, em 1999, do Ministério da Defesa, sob a direção de um civil.

É verdade que o Exército tem resistido a colaborar com os trabalhos da Comissão da Verdade. De qualquer forma, a evocação da Revolta de 13 de julho de 1924 nos ajuda a perceber como o processo de construção da democracia, apesar de custoso e contraditório, tem avançado nos últimos tempos.